

GÊNERO TEXTUAL DEBATE E ENSINO: CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS

José Batista de Barros (UNICAP)

Adriana Letícia Torres da Rosa (UFPE)

RESUMO

O conceito de gênero textual carece de uma compreensão mais ampla a fim de que ele possa englobar efetivamente as mudanças conceituais nos campos em que é estudado. No escopo deste artigo, faremos análise dos gêneros da oralidade, especialmente do debate, nas práticas pedagógicas da educação básica. Para a pesquisa, de cunho qualitativo, entrevistas com professores do 9º ano de uma escola pública estadual do Recife foram realizadas. Os pressupostos teóricos são, principalmente, o conceito de gêneros textuais de Bakhtin (1992), o interacionismo sociodiscursivo, de Bronckart (1999), Dolz e Schneuwly (2004) e os estudos de letramento desenvolvidos por Marcuschi (2001, 2002, 2004, 2008). Resultados preliminares apontam para o fato de que, embora os professores demonstrem conhecer a importância do trabalho com a oralidade, os gêneros escritos predominam, ainda, no ensino de língua na sala de aula.

Palavras-chave: Gênero textual debate, Ensino de gêneros, Concepções pedagógicas.

ABSTRACT

The concept of text genre needs a broader understanding so that it can effectively encompass the conceptual changes in the fields in which it is studied. In the scope of this article, we will analyze orality genres, especially the debate, concerning the pedagogical practices of basic education. For the research, qualitative in nature, interviews were held with teachers of the 9th grade of a public school in Recife. The assumptions are mainly the concept of genres according to Bakhtin (1992), sociodiscursive interactionism by Bronckart (1999) and Dolz and Schneuwly (2004) and literacy studies by Marcuschi (2001, 2002, 2004, 2008). Preliminary results point to the fact that, although the teachers demonstrate to know the importance of dealing with oral texts, written genres still predominate in the teaching of language in the classroom.

Keywords: Debate text genre, Teaching of genres, Educational Conceptions.

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, no que se refere aos gêneros textuais ou gêneros dos discursos, não se pode vê-los como uma “moda” ou “onda” dos estudos das ciências da linguagem, muito menos como uma simples mudança de terminologia de forma a deixá-los mais bonitos ou atraentes. Sua compreensão deve ser muito mais ampla, por seus estudos apresentarem não apenas mudanças conceituais em campos como o da Linguística e o da Teoria Literária, mas também por apontarem horizontes ampliados de entendimentos e análises, permitindo enxergar a produção de linguagem não só como o mecanismo estrutural que abarca, mas ainda como uma atividade ladeada de aspectos sociocognitivos e históricos.

Hoje, empregamos o conceito de gênero dentro de diversas perspectivas dos estudos da linguagem, porém é salutar e necessário retomar tais concepções elaboradas por esses estudos com certa criticidade. Se antes a concepção era mais restrita ao campo das manifestações artísticas ou jurídicas, na atualidade esse leque foi ampliado e compreende todo o processo de comunicação humana, pois como alega Bakhtin (1992, p. 302): “se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível”.

A concepção do termo gênero, como concebida pela teoria bakhtiniana, assenta-se na relação entre linguagem, língua e sociedade como acontecimento sócio-histórico e dialógico. Nesse sentido, Bakhtin (1992) nos esclarece que, os diversos enunciados, isto é, os gêneros discursivos, são elos entre a história da sociedade e a história da linguagem.

Entender as questões da linguagem, sua natureza e seu funcionamento, sempre foi o interesse de muitos estudiosos da Linguística. Nesse caminhar, diversas correntes teóricas surgiram buscando explicar, a partir de métodos próprios de análise, os vários fenômenos que compõem o vasto campo dessa ciência. Adotamos para essa investigação uma linha de fundamentos que situa a linguagem como enunciação, com ênfase na Teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin (2002), no interacionismo sociodiscursivo, proposto por Bronckart (1999), Dolz e Schneuwly (2004), representantes da escola de Genebra, e no estudo de pesquisadores brasileiros das práticas de oralidade e letramento, como Marcuschi (2001, 2002, 2004, 2008).

Essas bases teóricas respaldam o foco do nosso estudo – a análise dos gêneros da oralidade, especialmente do debate, no seio das práticas pedagógicas da educação básica. Objetivamos investigar a compreensão dos professores sobre os gêneros textuais orais e o seu desenvolvimento no trabalho pedagógico, dada a importância de se entender o contexto da comunicação humana oral ou escrita.

O enfoque maior ao gênero oral debate ocorre não por acaso, mas por se tratar de uma prática social de linguagem que envolve o desenvolvimento de capacidades interativas ligadas à negociação de pontos de vista, construção de argumentos, persuasão interpessoal, dentre outros elementos de suma importância para o convívio em comunidade. Além disso, paralelamente a essa pesquisa, desenvolvemos um trabalho de mestrado, com um olhar mais aprofundado sobre o referido gênero, e essa produção nos dará subsídios para estender reflexões nesta pesquisa em desenvolvimento.

Metodologicamente, este trabalho envolve uma investigação de base qualitativa que se realiza em entrevistas com professores de Língua Portuguesa do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual de referência do Recife no ano de 2012. A escolha do lócus e dos participantes não se deu aleatoriamente. Cremos que, ouvindo quem de fato está na dianteira do processo ensino/aprendizagem e que concepções têm do objeto em estudo, identificaremos resultados que fomentarão reflexões a respeito da forma de como os gêneros textuais orais são concebidos e trabalhados na escola e se as pedagogias adotadas contribuem para formação de indivíduos atuantes em sociedade, no exercício da cidadania.

A análise de dados aponta que, na teoria, os professores conhecem a concepção enunciativa de gêneros e a importância do oral e do escrito na formação do estudante, mas, na prática, em sua maioria, enfatizam o trabalho com os gêneros escritos como componentes curriculares. Dentre os gêneros orais, o debate é vivenciado em sala ao menos duas vezes por ano, mesmo que superficialmente. O livro didático é a fonte de estudos mais valorizada pela maior parte dos professores na didática dos gêneros orais, o que limita as possibilidades de transposições didáticas com alguns gêneros orais a partir da organização de modelos didáticos do gênero.

Os resultados do estudo sugerem que o trabalho pedagógico com os gêneros textuais, quando adequadamente efetivado, apresenta-se como uma excelente oportunidade para o estudo da linguagem em funcionamento. Ao se debruçar na análise das mais variadas formas e ações de linguagem e suas características, o aprendiz apropria-se dos meios e das práticas, além do domínio na produção de textos, o que se constitui uma prática enriquecedora do desenvolvimento da capacidade cognitiva do indivíduo.

2 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA: A PROPÓSITO DO DEBATE

O contexto da sala de aula é o lócus para nossa verificação das concepções pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa quanto ao ensino dos gêneros textuais orais, com foco no debate.

Como já destacamos, a fundamentação teórica deste estudo situa-se no âmbito da linguística enunciativa, cunhada no sociointeracionismo: com o aparato teórico de base, entendemos que os gêneros textuais são frutos de trabalho coletivo com a linguagem que colaboram para ordenar e estabilizar as atividades do dia a dia. Nesse sentido, a sua presença como conteúdo curricular das aulas de língua materna é imprescindível para o ensino e aprendizagem da linguagem numa perspectiva da reflexão e do uso, considerando tanto a oralidade como o letramento.

A ideia predominante na escola é que sua função social primordial é ensinar o aluno a ler e escrever, pois a fala ele já tem o domínio. Porém, trabalhar a oralidade compreende muito mais do que simplesmente oralizar palavras: é uma falta de conhecimento reduzir o estudo da oralidade a esse conceito simplista, pois suas aplicabilidades têm implicação direta nos vários momentos da vida social, passando pelas relações de trabalho, interpessoais e ideológicas.

As práticas sociais de oralidade e letramento são povoadas pelo uso dos diversos gêneros textuais. Cabe ressaltar a distinção entre as duas práticas citadas:

Oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora que vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso (...)

Letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, (...), até uma apropriação aprofundada (...) (MARCUSCHI, 2004, p.25)

Marcuschi (2004) traz à baila a discussão sobre o entendimento da língua e do texto como “um conjunto de práticas sociais” (p.16), de maneira que a oralidade e o letramento sejam vistos como atividades não dicotômicas, mas, sobretudo interativas e complementares situadas sócio-historicamente no âmbito dos usos da língua. Com esse olhar, o autor aponta os usos da língua como determinantes das escolhas formais, e não o contrário, como preconizado nos trabalhos da Linguística anteriores à década de 1980.

Tomando o letramento como prática social formalmente associada ao uso da escrita, ao passo que a oralidade ao uso da fala, o pesquisador observa a necessidade e a importância dessas práticas nas sociedades como via de acesso à cultura. Reforçamos, é notória a defesa de que a oralidade e o letramento não são sistemas dicotômicos, tão pouco, a primeira abarca o caos comunicativo: ambos permitem, com suas peculiaridades, a construção de textos coesos e coerentes, a elaboração formal e informal, a construção de raciocínio, a variação linguística, entre outros aspectos. Para alicerçar esse pensamento, o autor faz um passeio explicativo da presença da oralidade e do letramento na sociedade. Marcuschi mostra que a escrita e a fala são usadas em variados contextos da vida cotidiana (casa, trabalho, escola, supermercado, etc.), com finalidades múltiplas, manifestadas em diversos gêneros textuais, fundadas na realidade gráfica, escrita, ou na sonora, oral.

Não menos importante que a escrita, a oralidade é por vezes relegada a segundo plano, apesar de ocupar um espaço muito mais central nas atividades cotidianas de comunicação. O pouco espaço para o trabalho com essa modalidade na escola parece apontar um desconhecimento dos profissionais da educação para importância dos efeitos do conhecimento dos gêneros orais para a formação dos sujeitos que atuam em sociedade: a noção de que a língua não deve restringir-se apenas à forma escrita, e, portanto, abarcar o todo complexo, intrínseco nas mais variadas formas de interação.

Uma das importantes ferramentas para o começo de um trabalho pedagógico com qualidade é a adoção de LDP bem fundamentado. Os manuais, a priori, deveriam trazer, nos seus conteúdos e propostas didáticas, as concepções e noções de língua como interação, contribuindo diretamente com o trabalho do professor em sala de aula. Exceções existem, mas ainda não é a maioria dos LDP que explora a oralidade na perspectiva enunciativa para o trato com a linguagem na escola.

Assim, uma abordagem pedagógica significativa para desenvolver o trabalho de ensino de língua materna que não relega a importância da “fala” seria o estudo-aprendizagem dos gêneros

textuais orais. Com essa abordagem, não se pretende ensinar o aluno a falar, mas a compreender e fazer usos, situados (social e historicamente) e adequados da linguagem oral. Concordamos com o entendimento de que

o estudo dos gêneros pode ter consequência positiva nas aulas de português, pois leva em conta seus usos e funções numa situação comunicativa. Com isso, as aulas podem deixar de ter um caráter técnico dogmático e / ou fossilizado, pois a língua a ser estudada poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediado por parceiros mais experientes. (BEZERRA, 2002, p. 41)

Uma relevante oportunidade de se trazer o estudo dos gêneros para escola seria traçar considerações sobre aproximações e distanciamentos dos gêneros orais e escritos, considerando o meio de produção (sonoro e/ou gráfico) e a sua concepção discursiva (oral e/ou escrita). Isso revelará uma visão não-dicotômica de língua, na medida em que evidenciará que as manifestações da fala e da escrita se dão num contínuo dos gêneros textuais.

A ênfase dada ao estudo com a escrita nas atividades, nem sempre coerente, em detrimento da oralidade nos LDP, nos dá a exata noção do caminho tomado por alguns autores dessas publicações. Para um usuário mais atento, possuidor da noção de língua como uma atividade interativa, e consequentemente dialógica, que envolve questões de natureza cognitivas e sociais dentro de contexto histórico e ideológico, percebe equívocos contidos nas proposições.

As variadas formas de uso da língua, bem como a complementariedade das práticas de escrita e oralidade, pouco ou quase nunca tratadas nesses manuais didáticos, faz desenvolver ainda mais a cultura da visão monolítica do estudo da língua, deixando-se de lado aspectos relevantes característicos de riqueza cultural de um determinado povo, como as variedades linguísticas.

Os estudos da oralidade e da escrita, não concorrentes entre si, mantêm relações mútuas e estreitas. A oralidade influencia e contribui fortemente no processo de aquisição da escrita, e vice e versa. A abordagem significativa da oralidade na escola capacita o indivíduo no desenvolvimento de habilidades linguísticas tanto de fala quanto de escuta, indicando não apenas a necessidade do respeito pelo interlocutor, mas também pela observação e formulação da argumentação, a organização das ideias e do posicionamento crítico.

Resgatando a teoria de Bakhtin (1992, p. 261), lembramos que

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua composição composicional.

Na esteira do referido estudioso, usar a linguagem verbal implica em usar os gêneros como forma de interação: em razão de seus propósitos e condições, os vários campos da atividade humana organizam-se interativamente pelos usos dos enunciados relativamente estáveis do ponto de vista de seu conteúdo, estilo e composição. Nesse caminhar, como ressalta Marcuschi (2008), na nossa vida diária nos deparamos com textos materializados, orais ou escritos, em situações recorrentes, os gêneros textuais, que apresentam padrões sociocomunicativos particulares, tais como conversação, debate, entrevista, palestra, piada, cardápio, bula de remédio, notícias, carta comercial entre tantos outros.

A escola de Genebra, com entendimento conceitual de gênero aproximado ao exposto por Bakhtin, busca desenvolver a corrente de que o gênero textual pode ser utilizado como forma de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares. Nesse campo, dois prismas estão em evidência: o contexto social da experiência humana e a esfera psicológica que envolve a construção interna dessas experiências, passando pela capacidade para produzir e compreender linguagem. Dentre os trabalhos dos seus pesquisadores, está o enfoque pedagógico do gênero oral debate.

Dolz, Schneuwly e De Pietro (2011) evidenciam questões sobre o ensino de gêneros orais, destacando a reflexão sobre a elaboração e a realização de uma sequência didática - conjunto de atividades escolares sistematicamente organizadas em razão de um gênero textual - com o gênero debate. Para os autores, precede a qualquer trabalho pedagógico o pensar sobre *o que ensinar, os aspectos do gênero a se trabalhar em sala de aula e as capacidades de linguagem a serem desenvolvidas*.

No tocante ao debate, esse gênero, essencialmente argumentativo, tão presente na sociedade, pode abrir espaço na escola para se desenvolver as capacidades dos alunos para defender pontos de vista, envolvendo a gestão da palavra e a escuta e produção compreensivas. Dolz, Schneuwly e De Pietro (2011) distinguem tipos de debate passíveis de se explorar na escola: o debate de opinião, o debate deliberativo e o debate para resolução de problemas. Seja qual for sua forma, o debate apresenta-se como um lócus privilegiado para construção interativa “de opiniões, de conhecimentos, de ações, de si” (p.216), amparado na coletividade e na democracia. Assim, a produção do debate na escola favorece o desenvolvimento de capacidades essenciais: linguísticas (técnicas de retomada de discurso, marcas de refutação, etc.), cognitivas (crítica), sociais (respeito pelo outro), individual (tomada de posição e construção identitária).

O trabalho dos referidos pesquisadores vem a referendar a posição de que os gêneros da oralidade devem ser alvo de ensino-aprendizagem na escola assim como tradicionalmente ocorre com os da escrita:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (PCN, 1998, p.27).

O que se apresenta por trás do véu do estudo da linguagem oral é um complexo mundo ainda com muito a se desvendar, podendo encontrar-se diversos gêneros, cada um com características próprias e formas de tratamentos dos mais variados possíveis a exemplo de debates, exposições, diálogos dramatizações e entrevistas. Vale ressaltar que, embora os gêneros orais formais apresentem-se na sua forma didática culta, muito próximos da escrita formal, e didatizá-los não seria o mesmo que ensinar o conjunto de regras gramaticais, mas apresentar as variadas formas da utilização da fala em público, favorecendo para a desenvoltura dos usuários do referido gênero.

Observamos, mais especificamente, que o debate é um gênero bastante flexível se considerarmos suas várias formas, tipos de público e espaços de realização. Contudo, em todos os casos, o gênero pauta-se em atividades sociodiscursivas que mobilizam o desenvolvimento da postura crítica e reflexiva sobre questões de interesse social; da capacidade de argumentar e expor pontos de vista, de dialogar, ouvir e respeitar o outro; e de mobilizar estratégias textuais adequadas aos fins, como reportar discursos para fundamentar-se, por exemplo.

Enfatizamos ainda que no gênero oral debate é potencial à articulação da fala e da escrita, constituindo-se numa produção multimodal. Além disso, Costa (2008, p.76), ao definir o gênero, destaca a existência de diversos tipos de debate, dentre os quais cita: debate de opinião, o qual visa à compreensão de um tema polêmico, permitindo exposição de argumentos com intuito de influenciar a opinião dos outros, e também a possibilidade de mudanças dos próprios conceitos; debate deliberativo visa à discussão de um tema para posterior tomada de decisão, em geral, apresentando sugestões para resolução de problemática; debate público regrado tem por base a expressão livre de pensamentos sobre um tema, normalmente sendo a fala orientada por regras acordadas, com ou sem a presença de moderador.

No contexto escolar, voltando-se para o estudo dos aspectos do debate a serem trabalhados na sala de aula, Dolz e Schneuwly (2004) desenvolvem pesquisas dirigidas à elaboração, aplicação e análise de sequências didáticas com os gêneros textuais e, mais especificamente, com o debate. Para os autores, o debate tem uma relevante função social que não pode ser desprezada pela escola. Relacionado a formas de comunicações orais, o debate requer o desenvolvimento de capacidades de argumentação, de gestão da palavra, de escuta atenta, de elaboração crítica, de mobilização linguística (técnicas de retomadas do discurso, marcas de refutação, entre outras). Além disso, ainda contribui para o desenvolvimento da capacidade de construção de identidade.

A constatação de se o que é teorizado no campo dos estudos da oralidade, e em especial no que se refere ao trabalho pedagógico com o gênero textual debate, tem repercussão na prática efetiva no cotidiano do ambiente escolar, terá as respostas dos docentes como indicadoras essenciais.

3 DIALOGANDO COM PROFESSORES SOBRE A ORALIDADE NA AULA DE LÍNGUA MATERNA

A fim de investigar a compreensão dos professores sobre os gêneros textuais orais e seus reflexos no trabalho pedagógico, enfatizando o gênero debate, aplicamos questionários a dois docentes do ensino fundamental, 9º ano, de escolas públicas de Recife-PE, no ano de 2012.

O questionário teve como propósito identificar primeiramente o perfil acadêmico dos professores e, na sequência, aspectos relativos à concepção que os docentes possuem sobre os gêneros textuais e sobre o seu ensino, bem como a abordagem dos gêneros orais como componente curricular do ensino-aprendizagem de língua materna, nesse caso, explorando mais especificamente as propostas didáticas com o debate.

Em relação ao perfil dos professores, adiantamos que são formados em Letras, exercendo a profissão há mais de 10 anos: o primeiro, Professor 1, mestre em Linguística e o segundo, Professor 2, especialista em Literatura Infantil. A formação dos docentes sugere que têm um domínio teórico e, avaliamos também, prático do trabalho pedagógico com oralidade e letramento na educação básica – o que se revela nas respostas apresentadas aos questionamentos desta pesquisa.

No que tange à concepção de gênero textual, os docentes apresentam sintonia na compreensão, entendendo o gênero como um tipo relativamente estável de enunciado usado em sociedade, em suas mais diversas esferas, com fim sociointerativo, identificável por seus propósitos, conteúdos dizíveis, composição e estilo. São formas de prática social, cognitiva e cultural.

Quanto ao trabalho com gêneros da oralidade no currículo, revelam que esses fazem parte dos componentes curriculares. No programa da disciplina, elegem-se em cada unidade letiva gêneros orais e escritos, mesmo que não proporcionalmente, para o desenvolvimento de práticas pedagógicas: pode-se ser relato e debate, entrevistas e seminários, etc. Metodologicamente, afirmam articular as correlações entre os gêneros na perspectiva do contínuo fala-escrita.

No trabalho com o debate, dizem explorar o gênero seja como conteúdo curricular, seja como método para estudo de demais tópicos do currículo, por exemplo, em fóruns de temas polêmicos, associados à elaboração escrita de artigos de opinião ou à interpretação de livros literários.

Nas suas opiniões, o estudo e a produção desse gênero permite desenvolver nos alunos habilidades de linguagem relativas à formação e negociação de opiniões fundamentadas, bem como à compreensão e interpretação de pontos de vista distintos, importante “ferramenta” para o exercício crítico e a participação nas interações comunicativas em diversas instâncias (públicas e privadas) da sociedade.

Sobre as propostas do LDP na abordagem do debate, bem como na associação com seu planejamento, os professores são unânimes quanto à necessidade de se acrescentar elementos complementares. O Professor 1 observa que o LDP em geral sugere a análise de debates transcritos e a reflexão sobre suas características, e vê a relevância do estudo do gênero na sua forma típica de apresentação com debates coletados em registros de TV, rádio, internet, a fim de se observar detalhes da oralidade. O Professor 2 complementa, enfatizando que os debates nos livros, geralmente são instrumento para discussão de temas fixos e às vezes desatualizados.

Finalmente, a respeito das propostas dos livros didáticos relativas aos gêneros orais, pela análise de suas respostas, os docentes aparentam perceber que os livros precisam explorar mais os recursos sociodiscursivo e formais dos gêneros, além de incentivar a pesquisa e a resolução de desafios. O Professor 1 observa que há um avanço das propostas em relação aos livros de 10 anos atrás, pois os gêneros orais já constam como conteúdo nos livros, embora de forma ínfima se comparada aos

da escrita. Contudo, ambos acreditam que o debate, entre os gêneros da oralidade abordados nos LDP, parece ser privilegiado mesmo que as propostas pedagógicas ainda sejam superficiais.

Pelo exposto, o quadro teórico por nós eleito como norteador para se pensar o estudo dos gêneros orais na educação básica respalda as respostas dos docentes no sentido de que esses educadores demonstram perceber os gêneros textuais orais e escritos como elementos a serem enfatizados no currículo por serem primordiais como organizadores das nossas práticas sociais e discursivas, e, nesse contexto, aponta-se que os LDP não podem deixar de lado tal aspecto ao formularem suas didáticas de escuta e produção oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de investigar a compreensão dos professores sobre a função social do gênero e o seu reatamento em sala de aula, enfatizando o gênero oral debate, entrevistamos dois docentes do ensino fundamental, 5º ano e 9º ano, de escolas públicas de Recife-PE, no ano de 2012, a respeito de seu entendimento sobre o ensino de língua com ênfase nos gêneros do discurso.

Esta pesquisa, com base no relato de professores da escola pública do ensino fundamental, identificou que o trabalho com os gêneros textuais orais está em cena como protagonista, tanto quanto o trabalho com os gêneros de escrita, na escola lócus do estudo. Não obstante, os docentes entrevistados são unânimes em afirmar que o pouco enfoque dado aos gêneros orais pelos professores em geral e também pelos livros didáticos acarreta grande prejuízo para o processo de aprendizagem do estudante, visto que conhecer significativamente uma diversidade de gêneros dessa modalidade favorecerá a formação do cidadão com condições de participar compreensiva e ativamente das práticas sociocognitivas que se apoiam na oralidade, práticas essas tão presentes na sociedade contemporânea.

Os dados mostram que os professores reconhecem que a diversidade de gêneros orais, a quantidade de abordagens desses gêneros ao longo do currículo, a sistematização dessas abordagens e a qualidade das abordagens pedagógicas são elementos essenciais para se oferecer aos alunos práticas qualificadas com a oralidade.

Notamos que a concepção de linguagem como interação social permeia as propostas de produção oral dos docentes entrevistados: a explicitação da função social, do papel dos interlocutores (mesmo que estes sejam recorrentemente os próprios colegas de classe), da forma de organizar a fala pública nas atividades propostas por estes são enfocadas.

Porém, o discurso dos professores em sintonia com as reflexões teóricas adotadas por este trabalho sugere que a reflexão sobre as características dos gêneros orais ainda carece de aprofundamento pedagógico, notas sobre sua função social e suas características formais nem sempre são apresentadas quando da atividade de leitura, análise e produção, a sistematização do estudo do gênero oral precisa ser mais enfatizada pelos professores e pelo LDP.

Quanto ao debate, cada vez mais trabalhado no contexto da sala de aula, observamos a percepção dos docentes de que esse deva estar inserido com mais frequência nas atividades curriculares por

favorecer o desenvolvimento de competências relevantes para a atuação sociocomunicativa dos indivíduos.

Em conclusão, este trabalho, com base nas respostas dos docentes, fomenta discussões e reflexões a respeito da necessidade de maior mobilização dos gêneros textuais em práticas de ensino/aprendizagem, como basilar para atuação dos indivíduos em sociedade, no exercício da cidadania.

Finalmente, realçamos, com este estudo, a importância do papel do trabalho com a oralidade como um instrumento facilitador e imprescindível à inserção dos indivíduos nas mais variadas práticas e contextos sociais, dentro e fora da escola, como interlocutor, seja leitor, ouvinte ou produtor de textos.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.

BAGNO, M. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e relação de poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetórias e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In.: DIONÍSIO, A.P. & BEZERRA, M. A. (orgs.). **O livro didático de português**: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. pp. 19-32.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: Ângela Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. pp.19-36.

_____. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, P. L. O. **Didática teórica - Didática prática**: para além do confronto. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH (orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.

ROJO, R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. São Paulo: EDUC, 2000.

_____. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (orgs.). **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

